

Lição 7. Achados arqueológicos e a Bíblia: as evidências que o solo preservou

Como pedras, inscrições, cidades e documentos antigos fortalecem a confiança na historicidade bíblica

“A arqueologia não substitui a fé, mas mostra que a fé bíblica não nasceu no vazio. Ela está ligada a lugares, povos, reis, costumes e acontecimentos reais.”

KENNETH A. KITCHEN



A pergunta da aula: que achados arqueológicos mostram que a Bíblia fala de um mundo real?

A resposta em 30 segundos: a arqueologia confirma o cenário histórico da Bíblia: reis, governadores, cidades, inscrições, costumes e rotas.

Guarde esta ideia: as descobertas arqueológicas são um testemunho de que a fé bíblica pisa no solo firme da história real.

NESTA LIÇÃO VOCÊ VAI PASSAR POR TRÊS PISTAS:

01

Nomes:

inscrições confirmam personagens, povos e dinastias.

02

Lugares:

escavações iluminam cidades, ruínas, piscinas, túneis e rotas.

03

Cristianismo primitivo:

achados situam Jesus, João Batista, os discípulos e a igreja nascente no século I.

Antes de começar

A fé bíblica está ligada a lugares, povos, reis, costumes e acontecimentos reais. Ao longo dos últimos dois séculos, achados arqueológicos têm iluminado o mundo da Bíblia com força impressionante. Inscrições confirmaram nomes de reis e governantes, enquanto escavações localizaram cidades, piscinas, túneis e portões descritos no texto.

Por motivos de espaço, selecionamos três grandes tipos de achados representativos: os que confirmam personagens, lugares e o cenário histórico do cristianismo primitivo.

Pare e pense: uma única inscrição não prova tudo, mas o que acontece quando um texto acerta repetidamente nomes, lugares, cargos e costumes?

O que está em jogo

A arqueologia estuda vestígios físicos do passado: pedras escritas, moedas, ruínas, vasos e túmulos.

É claro que nem tudo o que aconteceu no passado sobreviveu até hoje. Pouquíssimas cidades e documentos antigos resistiram aos milênios. Por isso, o fato de a arqueologia ainda não ter encontrado algo não prova que o relato bíblico seja falso. O que impressiona é que, mesmo com esse registro fragmentado do passado, as descobertas existentes apoiam e iluminam a Bíblia com uma consistência extraordinária.

A pergunta desta lição é simples: quando a Bíblia é observada no terreno da história material, que sinais mostram sua conexão profunda com o mundo real?

Pedras, inscrições e lugares dão chão histórico ao texto

● Inscrições

Pilatos, Davi, Israel, Ezequias, etc.

● Lugares

Siloé, Betesda, Jerusalém, etc.

● Costumes

leis, sepultamentos, vida cotidiana, etc.

● Cronologia

Atos, Gálio, rotas autoridades, etc.

A arqueologia não prova cada doutrina, mas confirma o mundo real da Bíblia.

Três grandes grupos de evidências arqueológicas

Antes de entrar nos exemplos, vale deixar claro: os achados abaixo não esgotam o assunto. A seleção desta lição cita algumas das evidências dentre várias outras que existem.

1. Personagens, povos e dinastias confirmados por inscrições e documentos antigos

Um dos tipos mais fortes de evidência arqueológica é a inscrição. Diferente de uma interpretação moderna, uma inscrição antiga é um testemunho direto do período estudado. Ela pode trazer nomes, cargos, datas aproximadas e relações políticas. Documentos administrativos e registros de impérios antigos também ajudam a situar personagens bíblicos dentro de seu contexto histórico.

Israel em Canaã

A *Estela de Merneptá* (c. 1208 a.C.) traz a referência extrabíblica mais antiga conhecida a Israel. Além de confirmar a presença israelita em Canaã, a escrita hieroglífica traz um detalhe crucial: enquanto cidades vizinhas (como Ascalom e Gezer) são identificadas com o símbolo de “cidade-estado fortificada”, o termo **Israel** é grafado com o símbolo de **povo/grupo humano** (KITCHEN, 2003). Essa distinção mostra que Israel já era um grupo étnico reconhecido pela superpotência egípcia, mas ainda vivia de forma descentralizada e sem uma dinastia urbana estabelecida, coincidindo perfeitamente com a época dos **Juízes** (HOFFMEIER, 2011; KITCHEN, 2003).

Davi e sua dinastia

Outro achado importante é a *Estela de Tel Dan*, descoberta em 1993. Ela menciona a “Casa de Davi”. A estela confirma arqueologicamente que havia uma dinastia conhecida pelo seu nome (KITCHEN, 2003).



Figura 1: Fragmentos da Estela de Tel Dan, do século IX a.C., em exposição no Israel Museum, contendo a menção histórica à “Casa de Davi” (Foto: Beit HaShalom, Licença de Atribuição Commons).

Ezequias, Senaqueribe e Laquis

Ezequias, rei de Judá, também aparece em inscrições assírias ligadas à campanha de Senaqueribe. O Prisma de Senaqueribe descreve a pressão contra Judá e menciona Ezequias em Jerusalém. Os relevos assírios de Laquis, por sua vez, retratam a tomada de uma cidade importante de Judá. O relato assírio confirma o cenário político de 2 Reis e Isaías: Judá, Jerusalém, Ezequias, Senaqueribe e a ameaça assíria pertencem ao mesmo mundo histórico (KITCHEN, 2003).

As “assinaturas” de Ezequias e do profeta Isaías

Um importante achado da arqueologia recente ocorreu em 2015, nas escavações ao sul do Monte do Templo, em Jerusalém. A equipe da arqueóloga Eilat Mazar descobriu pequenas peças de argila seca (chamadas *bulhas*), usadas para lacrar documentos oficiais no século VIII a.C.

Em uma delas, estava gravada a impressão do anel de sinete do próprio rei de Judá, com a inscrição em hebraico antigo: “**Pertencente a Ezequias, [filho de] Acáz, rei de Judá**” sob o desenho de um sol com asas. A **apenas três metros de distância**, na mesmíssima camada de solo, outra peça foi encontrada contendo o nome: “**Pertencente a Isaías, Profeta**” (*Yeshayahu Navi*). Encontrar as “assinaturas” físicas e originais do rei Ezequias e do profeta Isaías lado a lado na terra de Jerusalém confirma arqueologicamente a existência histórica e a proximidade desses dois gigantes bíblicos exatamente como os livros de **2 Reis** e **Isaías** relatam.

O Exílio e o Retorno: Nabucodonosor, Belsazar e Ciro

O cativeiro na Babilônia e o subsequente retorno dos judeus são marcos do Antigo Testamento ricamente confirmados pela arqueologia:

- **Nabucodonosor II:** O rei da Babilônia aparece em inúmeras inscrições e registros babilônicos que atestam suas campanhas militares na Judeia e a consequente queda de Jerusalém no século VI a.C. (KITCHEN, 2003; MILLARD, 1997).

- **O enigma de Belsazar:** Durante muito tempo, os críticos diziam que a Bíblia tinha errado feio ao citar o nome **Belsazar** no livro de Daniel (especialmente no famoso banquete de Daniel 5). Como todos os outros livros de história antigos afirmavam que o último rei da Babilônia havia sido um homem chamado Nabonido, os cétricos alegavam que Belsazar era um personagem totalmente fictício, inventado pela Bíblia.

A resposta veio quando arqueólogos encontraram o **Cilindro de Nabonido**. Esse registro em argila revelou que o rei Nabonido passou anos morando longe no deserto e deixou seu filho, Belsazar, governando a cidade da Babilônia no seu lugar (ou seja, os dois dividiam o poder).

Isso explica um detalhe incrível na Bíblia: quando o rei Belsazar quis recompensar Daniel, ele não prometeu que Daniel seria o “segundo” homem mais poderoso do país (como o Faraó fez com José no Egito), mas sim o “**terceiro no reino**” (Daniel 5:29). Por que o terceiro? Porque o primeiro era o pai (Nabonido) e o segundo era o filho (Belsazar). O cargo mais alto disponível era o terceiro lugar!

Para quem lê rápido, o “terceiro lugar” parece apenas um detalhe sem importância. Mas para a arqueologia, mostra que o autor bíblico conhecia perfeitamente como funcionava o governo da Babilônia daquela época, sabendo de um detalhe exato que os historiadores seculares esqueceram por mais de dois mil anos (KITCHEN, 2003).

- **O Cilindro de Ciro:** Descoberto em 1879, esse objeto de argila traz uma declaração escrita pelo próprio imperador Ciro, o Grande, logo após ele conquistar a Babilônia.

Por muito tempo, os críticos achavam altamente improvável o relato do livro de **Esdras 1:1-4**. A Bíblia diz que o rei Ciro liberou os judeus para voltarem para sua pátria e ainda ajudou a financiar a reconstrução do templo deles. Na lógica cruel dos impérios antigos, isso parecia uma lenda inventada pelos judeus, afinal, conquistadores escravizavam povos, eles não os libertavam de graça!

O *Cilindro de Ciro* chocou os historiadores ao revelar que essa repatriação era **exatamente a política oficial do imperador**: o texto em escrita antiga decreta que os povos exilados podiam retornar às suas terras e reconstruir seus templos. O achado prova que a Bíblia registrou com precisão cirúrgica a diplomacia real persa de 2.500 anos atrás (MILLARD, 1997).



Figura 2: O Cilindro de Ciro, feito de argila no século VI a.C. em exposição no British Museum, confirmando o decreto persa de repatriação de exilados (Foto: Mike Peel, CC BY-SA 4.0).

Pôncio Pilatos

A *Pedra de Pilatos*, descoberta em 1961 em Cesareia Marítima, confirma que Pôncio Pilatos foi prefeito da Judeia no período de Jesus. A inscrição mostra que os evangelhos colocam Jesus dentro de uma administração romana real, com autoridades reais (MCRAV, 1991).

Esses exemplos mostram um padrão importante: **a Bíblia não fala de personagens flutuando num espaço mítico. Ela cita governantes, impérios, cidades e dinastias que podem ser localizados na história.**

2. Lugares escavados que iluminam os relatos bíblicos

A geografia da Bíblia não é cenografia literária; ela corresponde a coordenadas geográficas e locais físicos reais que podem ser escavados e mapeados. Da revelação de impérios inteiros no Antigo Testamento à identificação de marcos geográficos específicos no Novo Testamento, a arqueologia de campo dá forma e cor ao cenário das Escrituras.

Hititas

Os hititas eram conhecidos quase que exclusivamente pela Bíblia até o século XIX, o que fazia muitos céticos duvidarem de sua existência histórica e apontarem a menção a esse império como prova de que a Bíblia continha mitos folclóricos. No entanto, escavações arqueológicas na Turquia revelaram Hattusa, a capital deste império esquecido, contendo vastos arquivos de tábuas de argila, leis, artes e tratados políticos (incluindo o famoso tratado de paz assinado com o Faraó Ramsés II do Egito). O achado provou que este povo citado frequentemente nas Escrituras foi uma das maiores superpotências da antiguidade (KITCHEN, 2003), demonstrando que a Bíblia preservou a memória de uma civilização global inteira que a história secular simplesmente perdeu.

Sodoma e Gomorra: a destruição de Tall el-Hammam

A catastrófica destruição de Sodoma e Gomorra por fogo e enxofre (Gênesis 19) sempre foi considerada por críticos uma lenda moralista sem base histórica. Porém, escavações arqueológicas em Tall el-Hammam, na atual Jordânia, trouxeram dados extraordinários à luz.

Em 2021, uma equipe multidisciplinar de cientistas publicou um estudo revelando que esta próspera cidade da Idade do Bronze foi subitamente aniquilada por um evento cósmico de calor extremo (uma explosão de meteoro na atmosfera, ou *airburst*). A explosão gerou temperaturas superiores a 2.000 °C, derretendo tijolos de barro, cerâmicas e metais instantaneamente. **O estudo científico revelou que essa catastrófica chuva de fogo deixou no solo cinzas com altíssimas concentrações de enxofre e sal**, envenenando a terra agrícola e mantendo a região desabitada por séculos. Esta impressionante descoberta de calor extremo, enxofre e salinização fornece uma correspondência perfeita para o relato bíblico de fogo, enxofre e devastação no vale (SILVIA, 2015).



Figura 3: Vista do sítio arqueológico de Tall el-Hammam (Jordânia) com o Vale do Jordão ao fundo (Foto: Deg777, CC BY-SA 4.0).

O túnel de Ezequias

A Bíblia relata em 2 Reis e 2 Crônicas que o rei Ezequias preparou Jerusalém para resistir à iminente invasão assíria de Senaqueribe, desviando o fluxo das águas da fonte de Giom para dentro das muralhas da cidade. O túnel escavado na rocha sólida (com mais de 500 metros de extensão) e a famosa Inscrição de Siloé, que comemora o encontro das equipes de escavação que partiram de lados opostos, confirmam esta extraordinária obra hidráulica compatível com o contexto do século VIII a.C. (KITCHEN, 2003).



Figura 4: O interior do Túnel de Ezequias, escavado na rocha sob a Cidade de Davi no século VIII a.C. para assegurar o abastecimento de água de Jerusalém (Foto: Ian Scott, CC BY-SA 2.0).

Betesda e Siloé

No Novo Testamento, a precisão geográfica se torna ainda mais evidente. O Evangelho de João, por exemplo, une profundidade teológica e memória histórica precisa. A piscina de Betesda, mencionada em João 5, foi identificada em Jerusalém com uma estrutura perfeitamente compatível com os cinco pórticos descritos pelo texto. A piscina de Siloé, de João 9, também foi descoberta em escavações recentes. Esses achados confirmam que o autor do quarto evangelho conhecia em detalhes a Jerusalém anterior à destruição romana do ano 70 d.C. (MCRAY, 1991).

O ponto não é que cada escavação “force” alguém a crer. O ponto é que, repetidas vezes, o solo do Oriente Médio tem mostrado a solidez histórica do cenário bíblico.

3. Achados que ajudam a situar o cristianismo primitivo

O cristianismo primitivo não aparece num vácuo religioso. Ele nasce no mundo judaico do século I, sob domínio romano, em cidades, vilas, sinagogas, estradas, tribunais e comunidades reais. Por isso, alguns achados ajudam a situar Jesus, João Batista, os discípulos e a expansão da igreja em um cenário historicamente reconhecível.

Sepultamentos no século I

No Novo Testamento, sepultamentos e túmulos do século I ajudam a entender a morte e o sepultamento de Jesus. O ossuário ligado a Caifás confirma uma família sacerdotal com esse nome. Escavações também mostram que túmulos na rocha eram comuns entre famílias ricas, o que combina com o relato de José de Arimateia (MAGNESS, 2012).

João Batista

João Batista também aparece fora do Novo Testamento. O historiador judeu Flávio Josefo relata que João era um pregador virtuoso que exortava o povo à retidão e ao batismo. Crucialmente,

Josefo registra que **Herodes Antipas tinha receio de sua enorme influência sobre as multidões**, temendo que a grande liderança do profeta pudesse desencadear uma rebelião popular (JOSEPHUS, *Antiquities* 18.116-119). Esse relato secular se alinha perfeitamente com os Evangelhos, onde Herodes é descrito como alguém constantemente inquieto, temeroso da opinião pública e pressionado pela enorme atração popular que a mensagem de João exercia (Mateus 14:5; Marcos 6:20).

A inscrição de Gálio

Um exemplo importante é a inscrição de Gálio, encontrada em Delfos, na Grécia. Ela ajuda a datar o período em que Gálio foi procônsul da Acaia, cargo mencionado em Atos 18. Essa conexão permite situar a atividade missionária de Paulo com precisão histórica incomum para documentos antigos (BRUCE, 1988).

Paulo na história

A literatura e a arqueologia confirmam a veracidade de sua história de forma extraordinária. Documentos extra-bíblicos do fim do século I, como a carta de Clemente de Roma (c. 95 d.C.), atestam formalmente a vida, as viagens e o martírio de Paulo em Roma.

Além disso, existem achados ligados às pessoas que cruzaram o caminho do apóstolo. Um dos mais famosos é o de **Erasto**. Em Romanos 16:23, escrito a partir de Corinto, Paulo envia saudações de “*Erasto, tesoureiro da cidade*”. Nas escavações de Corinto, cientistas encontraram um grande bloco de pavimento romano do século I com a inscrição: “**Erasto, em agradecimento pelo seu cargo de edil [tesoureiro], pavimentou este local às suas próprias custas**” (BRUCE, 2010).

Outro caso marcante é o de **Sérgio Paulo**, o governador romano de Chipre que se converteu após ouvir a pregação de Paulo (Atos 13:7). Arqueólogos descobriram uma **inscrição em latim na ilha de Chipre** mencionando explicitamente o próprio *Sérgio Paulo* como procônsul exatamente no período correto do século I. Esses achados colocam o círculo de amigos e contatos de Paulo diretamente no chão da administração pública real da época (BRUCE, 2010).

Títulos locais e precisão em Atos

Um registro geográfico e administrativo perfeito: O livro de Atos menciona dezenas de cidades, portos e ilhas do mundo antigo (como Éfeso, Corinto, Atenas e Filipos), e **todas elas** já foram localizadas e confirmadas pela arqueologia e geografia.

Além do posicionamento delas, o autor de Atos descreve os títulos de governantes locais com uma precisão incrível. Ele muda o nome do cargo de cidade em cidade, acompanhando exatamente as regras do governo romano de cada lugar. Esse é um detalhe minucioso que seria

praticamente impossível de inventar ou falsificar em algum período posterior e longe de onde tudo aconteceu.

Um exemplo clássico é o termo **politarcas** usado em Atos 17:6 para designar os magistrados de Tessalônica. Por muito tempo, críticos consideraram a palavra um erro do autor, já que ela não aparecia na literatura clássica grega. No entanto, a arqueologia encontrou dezenas de inscrições antigas na Macedônia contendo exatamente esse título, confirmando que a palavra era um termo administrativo local real daquela cidade específica no século I.

Mas os achados extraordinários ligados ao livro de Atos vão muito além. Veja alguns exemplos:

- **O Tribunal de Gálio em Corinto (Atos 18:12):** A Bíblia relata que Paulo foi julgado pelo procônsul Gálio em um “tribunal” (uma grande plataforma pública de pedra chamada *Bema*). Arqueólogos escavaram Corinto e encontraram essa exata plataforma física de pedra intacta no meio das ruínas. Mais interessante ainda: em Delfos, foi descoberta uma famosa inscrição do imperador Cláudio mencionando o procurador Gálio, datando seu governo exatamente entre 51 e 52 d.C. Esse achado serve hoje como a “âncora” cronológica absoluta que os historiadores modernos usam para datar todas as cartas e viagens de Paulo!
- **O Grande Teatro de Éfeso (Atos 19):** O relato bíblico descreve uma multidão enfurecida de metalúrgicos e artesãos lotando o teatro de Éfeso para protestar contra a pregação de Paulo. As escavações revelaram esse impressionante teatro (com capacidade para 25.000 pessoas) e inúmeras inscrições contendo o título exato do líder que acalmou a multidão (*grammateus*, traduzido como “escrivão” em Atos 19:35), que era o cargo administrativo real de Éfeso na época.
- **O Altar ao “Deus Desconhecido” em Atenas (Atos 17:23):** Em seu famoso discurso no Areópago de Atenas, Paulo menciona ter visto um altar dedicado “Ao Deus Desconhecido”. Críticos apontavam isso como uma metáfora poética inventada. Contudo, arqueólogos encontraram altares de pedra reais e inscrições dedicadas a “deuses desconhecidos” no mundo greco-romano (inclusive na própria Grécia e em Roma), confirmando o costume histórico exato descrito na Bíblia.
- **O “Principal da Ilha” em Malta (Atos 28:7):** Após sobreviver a um terrível naufrágio, Paulo é acolhido em Malta por Públio, a quem Atos chama de o “principal homem da ilha”. Críticos consideravam a expressão um mero elogio informal. No entanto, inscrições de pedra antigas encontradas em Malta revelaram que “Principal” (*protos* no grego original) era, na verdade, o título público oficial romano para o governante da ilha!

F. F. Bruce destaca que essa familiaridade cirúrgica com a administração e a vida pública do Império Romano atesta a precisão de Atos como um relato histórico de primeira linha (BRUCE, 1988).

Objecções comuns

Objecção 1: “A arqueologia só mostra alguns lugares, não prova toda a Bíblia.”

Essa observação tem uma parte correta: encontrar uma cidade bíblica não prova cada evento ocorrido ali. Mas usá-la para diminuir os achados é injusto com o peso cumulativo da evidência. **Quando um texto acerta repetidamente nomes, lugares, costumes, cargos e contextos, cresce a confiança de que ele preserva memória real.**

Objecção 2: “Há coisas na Bíblia que a arqueologia ainda não confirmou ou que parecem contraditórias.”

Isso é perfeitamente esperado no estudo da história antiga. Como apenas uma parcela ínfima dos vestígios da antiguidade resistiu aos milênios, o silêncio arqueológico temporário ou debates em andamento jamais devem ser confundidos com provas de falsidade.

O caso de **Jericó** é um exemplo clássico de como a arqueologia avança: na metade do século XX, escavações iniciais sugeriram que a cidade estava desabitada no período de Josué; contudo, estudos científicos posteriores de reavaliação revelaram que as muralhas de fato desabaram para fora (criando uma rampa natural de acesso) e que a cidade foi destruída por um incêndio rápido sem ser saqueada, com grandes jarros cheios de grãos carbonizados intactos, exatamente como narra o relato de Josué 6.

Para conversar na universidade

O estudante cristão não precisa usar a arqueologia como arma para vencer debates. Pode usá-la como convite à honestidade. Quando alguém afirma que a Bíblia é apenas mito, uma boa pergunta é: “Você já examinou os achados arqueológicos ligados ao texto bíblico?”.

Também vale aprender alguns exemplos concretos. Saber mencionar a Estela de Merneptá, a Estela de Tel Dan, a destruição de Tall el-Hammam (Sodoma), os relevos de Laquis, o túnel de Ezequias, a Pedra de Pilatos, a piscina de Siloé e a inscrição de Gálio enriquece a conversa.

Uma pergunta que abre conversa: “Você já examinou os achados arqueológicos ligados ao texto bíblico?”

Essa pergunta convida a sair de frases genéricas e olhar para evidências públicas.

Fechando o caso

A arqueologia não substitui a Bíblia, nem transforma fé em mera ciência histórica. Mas ela confirma algo precioso: a Bíblia não tem medo do mundo real. Reis, governadores, cidades, túneis, inscrições, moedas, sepultamentos e costumes antigos aparecem no solo como testemunhas silenciosas de que o texto bíblico está profundamente enraizado na história.

O caso cumulativo

- **Personagens:** governantes e dinastias aparecem em inscrições antigas.
- **Lugares:** cidades, ruínas, piscinas e túneis confirmam o cenário da Bíblia.
- **Cristianismo primitivo:** achados situam Jesus, João Batista, os discípulos e a igreja nascente no século I.
- **Conclusão:** a Bíblia se mostra profundamente conectada ao mundo real que descreve.

Para o cristão, isso fortalece a fé. Não porque cada pedra precise provar cada doutrina, mas porque o conjunto aponta na mesma direção: a Bíblia fala de um Deus que agiu em lugares reais, com pessoas reais, dentro da história real.

Uma frase para guardar: a fé cristã não é um conto de fadas; ela aconteceu no mundo real, na nossa própria história.

Explore mais

- HOFFMEIER, James K. *Arqueologia da Bíblia*. São Paulo: Vida, 2011. Escrito por um egiptólogo e arqueólogo de renome mundial, oferece um panorama ricamente ilustrado das principais descobertas que iluminam os relatos do Antigo e do Novo Testamento.
- MCRAE, John. *Arqueologia e o Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2008. Estudo profundo e detalhado que conecta o cenário dos evangelhos e das cartas apostólicas a locais, moedas, edifícios e inscrições de pedra reais.
- BRUCE, F. F. *Merece confiança o Novo Testamento?*. São Paulo: Vida Nova, 2010. Uma introdução clássica e altamente acessível sobre a confiabilidade documental e arqueológica dos relatos do Novo Testamento.

Lição anterior: *A confiabilidade da Bíblia: evidências históricas da sua preservação*

Próxima lição: *O problema do mal e do sofrimento*

Referências

- BEIT HASHALOM. *Tel Dan inscription*. 2009. 1 fotografia. Israel Museum, Jerusalém. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tel_dan_inscription.JPG. Acesso em: 25 mai. 2026. Licenciada sob Atribuição de Uso Livre Wikimedia.
- BRUCE, F. F. *The Book of the Acts*. Grand Rapids: Eerdmans, 1988.
- BRUCE, F. F. *Merece confiança o Novo Testamento?*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- DEG777. *Tall el-Hammam overlooking the Jordan Valley 2007*. 2019. 1 fotografia. Tall el-Hammam, Jordânia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tall_el-Hammam_overlooking_the_Jordan_Valley_2007.jpg. Acesso em: 25 mai. 2026. Licenciada sob Creative Commons CC BY-SA 4.0.
- HOFFMEIER, James K. *Arqueologia da Bíblia*. São Paulo: Vida, 2011.
- JOSEPHUS, Flavius. *Jewish Antiquities*. Books 18-19. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1965.
- KITCHEN, Kenneth A. *On the Reliability of the Old Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.
- MAGNESS, Jodi. *Stone and Dung, Oil and Spit: Jewish Daily Life in the Time of Jesus*. Grand Rapids: Eerdmans, 2012.
- MCRAE, John. *Archaeology and the New Testament*. Grand Rapids: Baker Academic, 1991.
- MILLARD, Alan. *Discoveries from Bible Times*. Oxford: Lion, 1997.
- PEEL, Mike. *Cyrus Cylinder*. 2010. 1 fotografia. British Museum, Londres. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cyrus_Cylinder.jpg. Acesso em: 25 mai. 2026. Licenciada sob Creative Commons CC BY-SA 4.0.
- SCOTT, Ian. *Inside Hezekiah's Tunnel-C*. 2009. 1 fotografia. Cidade de Davi, Jerusalém. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Inside_Hezekiah%27s_Tunnel-C_\(3782632155\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Inside_Hezekiah%27s_Tunnel-C_(3782632155).jpg). Acesso em: 25 mai. 2026. Licenciada sob Creative Commons CC BY-SA 2.0.
- SILVIA, Phillip J. *The Destruction of Sodom: The Discovery of Tall el-Hammam*. Albuquerque: Trinity Southwest University Press, 2015.